



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XII (2011)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Bruno Romero Ferreira Miranda, Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654), Leiden, Universiteit Leiden, 2011, 397 pp.

Hugo Ribeiro da Silva 

Como Citar | How to Cite

Silva, Hugo Ribeiro da. 2011. «Bruno Romero Ferreira Miranda, Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654), Leiden, Universiteit Leiden, 2011, 397 pp». *Anais de História de Além-Mar* XII: 398-401.
<https://doi.org/10.57759/aham2011.37245>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2011. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2011. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

In fact, while discussing concepts such as “Atlantic system” and “empires”, as well as “Atlantic history” and offering a critique, the author does not propose new theoretical frameworks for analysis. Despite building upon and adding to the literature that questions these notions and casting doubt upon paradigms and theories associated with the economic fortunes of “empires”, she continues to employ terminology such as the “Portuguese”, “Iberian” or “Dutch Atlantic” – possibly for want of better – that appears to run counter to the conclusions of her own research. Although Filipa Ribeiro da Silva does not hesitate to reject claims made by certain scholars on a number of issues, she would be well advised to pick up the threads that are implicit in her book, transcend conceptual barriers and venture further into the realm of trans-national, trans-Atlantic and West African connections by taking an in-depth, interdisciplinary look at actors, both male *and* female, European *and* African, and their practices, while exploring the intricate cross-cultural networks they built over time and their fascinating, ever changing dynamics.

PHILIP J. HAVIK

(Instituto de Investigação Científica Tropical)

Bruno Romero Ferreira MIRANDA, *Gente de Guerra: origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630-1654)*, Leiden, Universiteit Leiden, 2011, 397 pp.

Gente de Guerra constitui a tese de doutoramento de Bruno Miranda, recentemente defendida na Universidade de Leiden, na Holanda. Trata-se, pois, de uma primeira versão de um texto que o autor, com mais tempo, terá certamente oportunidade de rever tendo em vista uma publicação definitiva. De qualquer modo, não deixa de ser pertinente dar a conhecer, desde já, este trabalho. Além disso, espera-se que os comentários e sugestões que aqui são deixados possam dar um pequeno contributo para a melhoria da sua versão final.

O livro é constituído por seis capítulos, distribuídos por três partes, para além da introdução e do que o autor designa por epílogo e considerações finais. Nos dois capítulos da primeira parte, intitulada «Origens», procura-se saber quem eram os militares enviados para o Brasil entre 1629 e 1653 pela Companhia das Índias Ocidentais holandesa (WIC). Com o objetivo de traçar o perfil de um grupo, são identificadas, no primeiro capítulo, as diversas origens geográficas desses homens (referindo-se aos movimentos migratórios que na época ocorriam no interior da Europa), as suas idades, estado civil e até crenças religiosas. Já no segundo capítulo, é analisada a forma como a WIC recrutava e atraía os homens que depois partiam para o Brasil, procurando-se ainda perceber se esses indivíduos tinham alguma perceção da realidade brasileira e daquilo que aí os esperava. Destaque-se o subcapítulo 2.3, sobre a circulação da informação, que merecia até ser mais desenvolvido. A segunda parte, dividida em três capítulos, trata uma série de questões relacionadas com a vida quotidiana dos militares. O terceiro capítulo aborda aspetos como o pagamento, o alojamento e o sistema de provimento das tropas, com destaque para os problemas do fornecimento de alimentos, bebidas alcoólicas e vestuário. O modo como as doenças afetavam as tropas da WIC é tratado no capítulo quarto. Partindo das conclusões a que chegara no capítulo anterior, o autor sublinha que muitas das enfermidades se deviam não necessariamente ao clima tropical ou à inexistência de anticorpos nos organismos dos homens da WIC, mas sobretudo a uma alimentação defici-

tária e uma higiene precária, a que se juntavam os conhecimentos médicos rudimentares da época. No quinto capítulo descrevem-se as tarefas diárias dos militares e alguns aspetos relacionados com as suas carreiras, analisando-se a importância que a formação prévia e as relações pessoais de alguns desses indivíduos tiveram para a melhoria da sua situação no Brasil. Por fim, na terceira parte, composta por apenas um capítulo, procurou-se estabelecer uma relação entre os problemas de provimento com a indisciplina que por vezes surgia entre as tropas, defendendo o autor que nem sempre sublevação era sinónimo de resistência. Foi seu objetivo demonstrar «a relação das dificuldades no provimento da tropa com os problemas disciplinares do exército da WIC no Brasil e ainda apontar como as indisciplinas mencionadas por Nassau podiam ser formas de resistência dos militares às condições de vida vigentes na conquista, não constituindo apenas um mau comportamento inato da soldadesca, segundo apontaram Nassau, Barleus e alguns historiadores muitos anos depois» (pp. 276-277). A indisciplina das tropas constituiu, pois, um dos grandes desafios com que o governo da Companhia teve de lidar ao longo dos anos de permanência no Brasil. Aliás, o autor argumenta mesmo que «uma série de insubordinações de soldados teve um papel considerável na assinatura da capitulação da Companhia em janeiro de 1654, um evento que selou o destino da WIC no Brasil e que, de certa forma, concretizou os temores de levante geral registrados em alguns relatos de funcionários da Companhia» (p. 276).

Este último capítulo é, aliás, o mais bem conseguido e que me parece merecer um maior destaque, por trazer para a análise informação de capítulos anteriores e a relacionar entre si de forma a responder às questões nele levantadas, o que resulta num texto mais analítico do que os anteriores. Bruno Miranda demonstra como a WIC por vezes se via obrigada a negociar com as suas tropas, para conseguir mantê-las em ação, mesmo quando elas estavam nos limites de operação: «o diálogo entre comandantes e comandados mostrou-se tão importante quanto as rigorosas leis utilizadas para manter os homens disciplinados e em atividade» (p. 326). E, seguindo a mesma linha argumentativa, o autor propõe o que se pode considerar como a tese que defende neste seu trabalho:

[...] as dificuldades logísticas da WIC em prover o seu pessoal foram decisivas para o fracasso de seu projeto no Brasil. Dos primeiros aos últimos anos de ocupação, a Companhia foi várias vezes travancada pelas reações de seu exército à sua ineficácia. Essas respostas deram-se sob a forma de fugas e motins que diminuíram a capacidade operacional da tropa. [...] Apesar dos danos causados à Companhia por indisciplinas de militares, historiadores como Herman Watjen, José Antonio Gonsalves de Mello e Charles Boxer deram pouca ou quase nenhuma atenção ao assunto. Mesmo quando descreveram algumas destas ações, eles não as mostraram como procedimentos legítimos de negociação das tropas com as autoridades instituídas. Ocorridos ao longo dos anos, deserções, motins ou simples ameaças de revolta foram importantes fatores para o insucesso da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (p. 327).

Mas o livro em discussão apresenta outros aspetos que merecem ser realçados. Para além de uma vasta bibliografia, o autor recorreu a inúmeras fontes, grande parte delas originais, escritas em neerlandês e depositadas nos arquivos holandeses: cartas, registos notariais, diários, crónicas, memórias, panfletos, regulamentos governamentais, relatos. Uma variedade de tipologias documentais que enriquecem o texto e permitiram uma sólida fundamentação empírica. Além do mais, algumas delas, como os diários ou as memórias, que nem sempre encontramos nos arquivos, possibilitaram ao autor traçar-nos um quadro vivo do quotidiano daqueles homens de Seiscentos e, assim, concretizar plenamente um dos seus objetivos.

O livro apresenta, contudo, algumas debilidades, que podem ser ultrapassadas. A sua maior fraqueza está logo na introdução, o que acaba por ter reflexos nos diversos

capítulos e no «epílogo». A contextualização inicial sobre a presença da WIC no Nordeste do Brasil, ainda que útil, deveria surgir, por exemplo, como prólogo à primeira parte, ou então ser mais sumária. Tal como ela está, só quando chega à página 10 o leitor fica a saber de que trata verdadeiramente o livro: «estudar o episódio neerlandês no Brasil tomando como referencial a chamada história do cotidiano. [...] Esse é um trabalho sobre a vida diária dos militares ordinários da Companhia das Índias Ocidentais». Ao mesmo tempo, pretende «entender melhor qual o papel dos militares ordinários na derrocada da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil. Esse é um tipo de questionamento impossível de ser deixado de lado quando se percebe que a WIC fez muitas decisões políticas baseadas na moral e comportamento dos militares, fatores por sua vez atrelados à condição financeira da Companhia» (p. 10). Ou seja, no fundo o autor não delimita com precisão que grande questão pretende discutir e resolver com o livro: uma história do quotidiano de um grupo ou as razões, ou uma das razões, que conduziram ao abandono do Brasil pela WIC? Não que as questões sejam incompatíveis, mas não parece que o «objeto de estudo» fique claramente definido, o que é perceptível ao longo da obra. Na verdade, a segunda questão só surge verdadeiramente no último capítulo. E, quanto à primeira, nem é apresentada propriamente uma questão, mas apenas um tema de estudo, ficando-se sem saber qual a hipótese de partida, qual o problema historiográfico a ser resolvido. Tal conduzirá a um texto pouco analítico, de pouco valendo ter-se citado, na introdução, Jacques Le Goff, que defendeu que uma história do quotidiano devia ser uma «história-problema e não uma história puramente descritiva» (p. 13).

A definição pouco precisa da problemática terá sido uma das razões que fizeram o autor dividir o quadro teórico e a revisão da literatura entre a historiografia sobre o quotidiano e a do «Brasil Holandês», e dedicar apenas duas páginas à primeira e cinco à segunda. Aliás, além de desenvolver pouco o quadro teórico, o autor fica-se pelo enunciado da literatura existente (pouco exaustiva no caso dos estudos sobre o quotidiano), não fazendo uma leitura crítica desses trabalhos nem explicando qual o contributo inovador do seu livro nem para a «história do quotidiano», nem para a história do «Brasil Holandês» (e porque não incluir também a história militar?). Por exemplo, Bruno Miranda refere a imprecisão do termo «quotidiano», referindo-se a Norbert Elias, Peter Burke e Michel de Certeau, mas não desenvolve suficientemente a questão. Ou seja, não se integra claramente num debate historiográfico. É certo que, no início de cada capítulo, ou até de cada tópico, por vezes faz um ponto da situação historiográfica, no entanto, essa não parece uma boa opção (de qualquer modo, ainda bem que o faz, já que isso ajuda a colmatar as lacunas da revisão da literatura que surge na introdução). Da mesma forma, se na introdução o autor elenca os arquivos a que recorreu e a variedade de fontes que utilizou, falta-lhe lançar um olhar crítico sobre as mesmas. É verdade que, por exemplo, no primeiro capítulo sublinha a dificuldade em identificar o número de recrutados e se serve da informação que utilizou para uma aproximação a esses números (pp. 34 e ss.). Contudo, a variedade, e até originalidade, de fontes que apresenta merecia uma análise mais minuciosa.

A pouca solidez da introdução acaba por, tal como já referi, ter reflexos no texto e, em particular, na conclusão, que o autor designa por «epílogo e considerações gerais». E, de facto, falta uma conclusão. Muitas das considerações aqui feitas deviam constar da introdução, nomeadamente a referência crítica a outros trabalhos. E, pelo contrário, há aspetos referidos na introdução que deveriam estar na conclusão, ou nas conclusões parciais que surgem no final de cada capítulo (é o caso de toda a p. 12). Aliás, talvez por ter decidido escrever estas pequenas conclusões o autor tenha acabado por «esvaziar» a conclusão final. A verdade é que elas são, em geral, meras sínteses do capítulo. A exceção é a que remata o capítulo 5, pois, ainda que sumária, nela o autor procura relacionar vária

as questões entre si, ao problematizar e comparar os seus resultados com os obtidos por outros autores que estudaram a América do Norte.

Além destas questões mais gerais que merecem algum reparo, gostaria ainda de chamar a atenção, sem ser exaustivo, para certos aspetos particulares que me suscitaram dúvidas. Desde logo, do ponto de vista formal, não se percebe a divisão em partes e talvez fosse melhor eliminá-la (a segunda e a terceira partes têm títulos idênticos, não se percebendo o porquê da separação: «condições de vida cotidiana» e «cotidiano e resistência»). A própria ordem dos capítulos talvez deva ser revista, pois só chegados ao capítulo 5 ficamos a saber o que faziam os militares da WIC. A sequência dos capítulos 1 e 2 talvez pudesse ser invertida e a distinção entre os subcapítulos 1.3 – origem social – e 1.4 – perfil social dos recrutados – não faz sentido.

Por vezes aparecem no texto termos ou conceitos que merecem ser revistos, alterados ou discutidos. Logo no subtítulo do livro a palavra «resistência» não tem um significado claro, em particular naquele contexto. O uso do conceito de «estrangeiro» para referir os não-neerlandeses que se alistavam nas tropas da WIC levanta algumas dúvidas, devendo ser analisado (pp. 40 e ss.). Expressões como «invasores» e «força de ocupação» denunciam uma visão luso-brasileira do problema, pelo que talvez pudessem ser substituídas por outras, como por exemplo «conquistadores», já que os holandeses se referiam ao Brasil como «conquista».

A articulação de algumas ideias nem sempre é conseguida, prejudicando-se assim a narrativa. Por exemplo, ao abordar a origem social dos militares, o autor refere-se às «mudanças de posição dentro da Companhia», isto é, o exercício de atividades não relacionadas com a ação bélica (pp. 56 e ss.). Não se percebe por que introduz o assunto neste tópico sem o explicar, já que depois ele é de certo modo retomado no capítulo 5.

Outras vezes, há assuntos que interessaria ver mais aprofundados e, sobretudo, mais problematizados. Quando, ao tratar o perfil social dos soldados, o autor refere as suas filiações religiosas, seria importante uma análise mais detalhada sobre os soldados cristãos que compunham as fileiras do exército holandês.

Por último, não posso deixar de mencionar algo que me foi ocorrendo ao longo da leitura de toda a obra: a falta de um maior pendor comparativo. E a comparação não só com outros espaços, com outros exércitos, mas também com a população em geral. Em particular no capítulo 3, importava comparar-se o dia a dia dos soldados da WIC com as «condições de vida» das próprias populações que viviam no «Brasil Holandês». Existem conclusões que poderiam sair reforçadas, mais sustentadas, se houvesse uma comparação com outros estudos. E provavelmente até bastaria a bibliografia citada ao longo do trabalho (que não é, contudo, exaustiva. A leitura do livro de Fernando Dores Costa, mesmo que relativo ao século XVIII, teria sido útil). O autor poderia mesmo ter aproveitado as conclusões do final de cada capítulo para o fazer. Até aquele que considero ser o ponto forte do livro, a sua tese, sairia reforçada com a comparação, pois assim pode ficar-se um pouco na dúvida sobre a relação que se estabelece entre o descontentamento dos soldados e o abandono do Brasil pela WIC. Além disso, talvez mais útil do que a contextualização que logo nas primeiras páginas o autor faz da presença dos holandeses no Brasil, seria explicar melhor como se organizavam e como eram formados os exércitos da altura.

As observações que aqui deixo a esta obra não lhe retiram nem o mérito, nem o interesse. Ao longo dos seus seis capítulos, o leitor cruza-se com um verdadeiro retrato vivo do quotidiano dos homens da WIC. Esta é uma história em que os anónimos deixam de o ser. Uma história com gente dentro, cuja leitura vale a pena e com a qual aprendemos.

HUGO RIBEIRO DA SILVA
(Centro de História de Além-Mar)